

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**(DES)CONSTRUINDO CAMPINA VERDE (MG) COMO “CIDADE
CATÓLICA” (1930-1958)**

MEIRILUCE ASSUNÇÃO SILVA

MEIRILUCE ASSUNÇÃO SILVA

**(DES)CONSTRUINDO CAMPINA VERDE (MG) COMO “CIDADE
CATÓLICA” (1930-1958)**

**Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para
obtenção do título de Bacharel em
História, sob orientação do Prof. Dr.
Paulo Roberto de Almeida.**

Uberlândia, Dezembro de 2009.

SILVA, Meiriluce Assunção, (1986)

(Des)construindo Campina Verde (MG) como “cidade católica” (1930-1958)

Meiriluce Assunção Silva – Uberlândia, 2009

45 fls.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras-chave: Campina Verde; Cidade católica; Discurso construído.

MEIRILUCE ASSUNÇÃO SILVA

**(DES)CONSTRUINDO CAMPINA VERDE (MG) COMO “CIDADE
CATÓLICA” (1930-1958)**

Banca Examinadora:

Professor Dr. Paulo Roberto de Almeida – Orientador

Professor Rodrigo Lopes Barbosa

Professor Yanglely Adriano Marinho

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu chegasse a esse momento. Todos que disponibilizaram seu tempo para que eu pudesse ter condições de realizar esse trabalho.

Obrigada aos entrevistados que muito contribuíram para as minhas percepções. Vocês foram fundamentais no resultado deste trabalho.

Gostaria de agradecer ao Vinicius que muito contribuiu para a pesquisa com suas indicações de leitura e valiosas considerações.

Aqui seria impossível não agradecer a algumas pessoas importantíssimas nessa caminhada de cinco anos, tanto pelo crescimento intelectual, como pelo crescimento pessoal proporcionado pelo convívio com essas queridas pessoas: Erika, Fernanda, Karina e Lucas. Vocês foram fundamentais para mim!

Agradeço ao professor Paulo pela disponibilidade em me orientar nesse trabalho final.

A minha mãe, muito obrigada pelas condições oferecidas para que eu pudesse ter a oportunidade tão valiosa de estudar.

E finalmente, ao meu pai, que certamente seria a pessoa mais feliz por essa conquista, se estivesse entre nós.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo 1: “Catolicidade” campinaverdense: possibilidades de construção de um discurso	14
Capítulo 2: Campina Verde – “Cidade Católica”: Limites de um Discurso	27
Considerações finais	37
Fontes	40
Bibliografia	42

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo compreender os sentidos e limites do discurso que constrói Campina Verde como sendo uma “cidade católica”. Para tanto tornou-se tarefa fundamental a problematização do discurso referido.

A partir de obras de memorialistas da cidade, de documentos escritos, de uma bibliografia pertinente ao discutido e de entrevistas realizadas, a pesquisa empreendida analisa as condições históricas em que se disseminou o discurso de “cidade católica” e as evidências que apontam outras direções.

INTRODUÇÃO

As inquietações de uma percepção pessoal aliada às inquietações provocadas pelo curso de História é que deram origem à presente pesquisa. O trabalho que se inicia é em grande parte fruto da minha formação durante o curso de História. As aulas, seminários e leitura de textos, entre outras atividades, foram fundamentais na escolha do tema estudado, visto que sempre estimulavam para que questionássemos aquilo que nos é dado.

O estímulo ao questionamento representado pelas perguntas do “por que” e do “como” das coisas aparentemente naturais, um comportamento cultivado durante os cinco anos de curso, foram essenciais na minha busca de tentar compreender a dinâmica do catolicismo em Campina Verde-MG.¹

Tendo nascido e vivido por muitos anos na referida cidade sempre estabeleci uma relação tensa com a religião, pois me incomodava com a identificação automática que parecia ser estabelecida entre o cidadão campina-verdense e sua religião, dando a impressão de que toda a população era católica. Embora tenha vindo de uma “família católica” não compartilhava tal identificação.

Muito árduo tem sido o processo de investigação, cheio de avanços e recuos, pois muitas vezes a imaturidade na pesquisa me levava a ir por caminhos que já estavam previamente estabelecidos, nos quais buscava enquadrar a realidade dentro de uma teoria que pudesse explicá-la.

Porém, relendo a primeira versão do projeto de pesquisa vejo o quanto avancei, pois percebi a impossibilidade de se buscar uma teoria explicativa para a realidade, já que a complexidade do real não é passível de ser reduzida. Mudei de estratégia e comecei a buscar a resposta para minhas questões observando a realidade concreta e não mais buscando uma teoria que melhor se enquadrasse dentro das minhas observações pré-estabelecidas.

Embora seja uma postura mais cômoda firmar-se em caminhos pré-estabelecidos, certamente está longe de ser a mais gratificante, pois não traz um novo

¹ Campina Verde é uma pequena cidade situada na região do Triângulo Mineiro, com uma área aproximada de 3.700 km. Sua população é de aproximadamente 19.500 habitantes. A economia local gira em torno da pecuária e tem destaque regional na realização da festa do carnaval. A cidade foi emancipada em 17 de dezembro de 1938, completando neste ano 71 anos.

conhecimento, apenas ratifica algo que já se supõe saber. Como disse, difícil tem sido o processo de investigação, mas ao mesmo tempo extremamente gratificante, pois tem possibilitado a conquista de uma nova percepção.

Ao compreender que a pesquisa em História e o seu “processo de investigação não cabem em esquemas prévios, que as categorias que servem de apoio ao trabalho serão construídas no caminho da investigação”² e que “priorizar categorias fixas, abstratas, instituídas, puramente analíticas, em detrimento do processo real significa perder de vista os processos constitutivos desse real”³ reformulei minhas perguntas e redefini a problemática.

Se a preocupação com o discurso circulante que sugere Campina Verde como “cidade católica” se mantém, o foco não é mais o mesmo, pois hoje o foco do presente trabalho monográfico é a problematização desse discurso, buscando entender seus mecanismos, sentidos e alcance. Muito diferente de quando, no início da pesquisa, eu mesma não questionava tal idéia sugerida nos livros de memórias sobre a cidade e tinha como interesse entender porque as pessoas eram católicas.

A historicização do catolicismo em Campina Verde, que constitui o primeiro capítulo da monografia, tornou-se tarefa primordial, pois a partir de tal procedimento é que tornou-se possível compreender as condições históricas que tornaram viável a tentativa de se criar a idéia de uma cidade inerentemente católica. O entendimento de que “todo conceito é histórico, constituído, em determinado momento do processo histórico, por homens reais, concretos, com interesses, valores também reais, concretos”⁴ foi fundamental no processo de investigação para entender que a idéia sempre sugerida de “cidade católica” também é parte integrante de um determinado processo histórico e que, portanto, está carregada de interesses objetivos.

O título da monografia diz muito das minhas intenções com essa pesquisa. (Des) construindo Campina Verde (MG) como “cidade católica” (1930-1958) expõe justamente o movimento a ser realizado nos próximos capítulos, nos quais irei indicar tanto o que permitiu essa construção e como ela foi sendo instituída e também sinalizar para aquilo que desestabiliza esse discurso e que explode essa aparente homogeneidade, já que as práticas sociais são múltiplas.

² VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. *A pesquisa em história*. São Paulo. 3 ed. 1995. p. 9.

³ Ibid. p. 9.

⁴ Ibid. p. 9.

Extremamente instigante para mim foi perceber que a história produzida sobre Campina Verde tem sido uma constante reedição da memória produzida nos anos de 1940. Não se discute as transformações e nem as permanências, tudo parece seguir numa ininterrupta continuidade. Em comemorações ou eventos na cidade, a história que se divulga é aquela tal qual forjada nos anos de 1940. Assim, é perceptível que nos dias atuais ainda se mantenha o desejo de disseminar a idéia de uma “cidade católica”.

Essa construção apresenta Campina Verde totalmente à margem do processo de laicização instaurado com aquilo que se convencionou chamar modernidade, sendo uma das principais características desse processo a tentativa de se diminuir a influência religiosa sobre a organização das sociedades. Porém, em direção oposta, sempre se sugere que para a referida cidade o catolicismo se configura como o único centro irradiador de significados para a população.

No plano do discurso construído, a religião católica se apresenta amarrada ao passado e imune às transformações do presente, fazendo crer que a influência que a Igreja Católica exerce sobre a população é a mesma ao longo do tempo.

Temos visto que o campo religioso tem se tornado a problemática de vários estudos, já que pensar sobre as transformações que o campo religioso vem apresentando pode nos revelar as transformações que vem ocorrendo na organização da própria sociedade como um todo.

As análises se concentram, na maioria das vezes, sobre os grandes centros urbanos, porém, podemos perceber que cidades menores (embora em menor grau) também evidenciam essa situação, pois também nos revelam as disputas que são travadas socialmente no campo religioso.

Em Campina Verde, por exemplo, o catolicismo disputa espaço não só com outras religiões, mas também com outros veículos que propagam determinados valores e padrões de comportamento, especialmente depois da massificação da televisão e de outras práticas religiosas.

Os conceitos cristalizados nos discursos são colocados à prova quando postos ao lado de evidências observadas na sociedade, e é daí que advém a importância da fala de E. Thompson ao sinalizar para a necessidade de se fazer o diálogo entre os conceitos e as evidências, pois é através desse diálogo que podemos perceber um pouco da dinamicidade dos processos históricos. Como diz Thompson:

“A explicação histórica não revela como a história deveria ter se processado, mas porque se processou dessa maneira, e não de outra; que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade; que certos tipos de acontecimentos (políticos, econômicos, culturais) relacionaram-se, não de qualquer maneira que nos fosse agradável, mas de maneiras particulares e dentro de determinados campos de possibilidades, que certas formações sociais não obedecem a uma ‘lei’, nem são os ‘efeitos’ de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de processo”.⁵

É necessário atentar para a citação acima, principalmente na parte que nos fala “certas formações sociais não obedecem a uma ‘lei’, nem são os ‘efeitos’ de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de processo”, pois a identificação sugerida entre a cidade e a sua religiosidade é parte integrante de um processo histórico, e não uma obra do acaso ou uma vontade divina, como às vezes parece sugerir.

O discurso construído, longe de ser a-histórico, é representativo de uma prática social em intensa disputa no período de recorte, sendo fruto de um momento bastante peculiar. O período escolhido para a análise, 1930-1958, se justifica na medida em que, ao entrar em contato tanto com a bibliografia, como com as fontes, percebi ser um momento de grande movimentação da Igreja Católica, tanto a nível nacional, como a nível local.

A Igreja buscava recuperar espaços na sociedade brasileira através de diversas ações e medidas que serão expostas no primeiro capítulo. Essas ações visavam garantir sua presença no cenário brasileiro.

O recorte não significa um engessamento da análise no período compreendido entre 1930-1958, pois as relações estabelecidas antes de 1930 e as posteriores a 1958 serão analisadas sempre que necessário para a compreensão da dinâmica do catolicismo em Campina Verde.

Uma análise mais atual do campo religioso na cidade referida torna-se necessária, visto que é parte da minha investigação tentar compreender como as pessoas re-elaboram suas memórias acerca da presença do catolicismo em Campina Verde.

Faz-se necessário explicitar que, quando exponho que tenho como problemática analisar o catolicismo, não estou me referindo a uma análise do

⁵ THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar. 1981. p. 61.

catolicismo em si, mas uma análise que contemple as relações estabelecidas entre este e a sociedade em que se insere. Importa-me saber o que os indivíduos pensam sobre essa presença, em que medida o catolicismo penetra em suas vidas e como interpretam a idéia de “cidade católica”.

Caminhando nesse sentido a história oral se fez um instrumento muito importante na construção da presente pesquisa monográfica, tendo sido fundamental na reformulação da problemática. Com as entrevistas percebi que a minha indagação inicial estava equivocada. A pergunta “por que as pessoas eram católicas?” não se sustentava diante da riqueza do diálogo estabelecido. As entrevistas realizadas fornecem dados muitas vezes não registrados nos documentos escritos.

Os entrevistados apresentam diferentes versões e posicionamentos. Para entrevistar procurei me guiar pela busca da diversidade, sendo assim entrevistei tanto pessoas que declaram ser “católicas” como pessoas que aderem a outros credos. Essa diversidade de visões acerca de um mesmo acontecimento só poderia ser fornecida com a realização das entrevistas, sendo que essas me auxiliaram na medida em que possibilitaram:

*“Investigar como homens e mulheres, compartilhando experiências sociais, vivendo e transformando modos de vida, identidades, vão se apropriando de valores e tradições, nas lutas cotidianas, alimentando e modificando sentimentos de pertencimento a um lugar, a um grupo, a uma memória; como vão criando referências culturais próprias e se apropriando de outras, e como essas experiências se fazem em meio a contradições e ambigüidades”.*⁶

As fontes documentais escritas utilizadas nesta pesquisa se encontram em arquivos públicos e privados, sendo um exemplo deste último, o Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, o qual conta com o livro do Tombo, que traz registros dos padres referentes ao início e meados do século XX. Em mãos de particulares também foram encontrados relevantes documentos escritos.

O estado de conservação dos documentos escritos utilizados na pesquisa pode ser, de maneira geral, considerado bom, não tendo causado grandes transtornos durante o desenvolvimento da mesma, como a necessidade imediata de restauração. Apenas uns poucos jornais tiveram o seu uso comprometido.

⁶ KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: Maciel, L.A; Almeida, P.R; Khoury, Y.M.A (org). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006. v. 1. p. 29.

As obras de memorialistas fornecem dados importantes, como a sua própria visão da cidade, pois como membros da sociedade campina-verdense, expressam em suas obras, valores e interesses sociais. Os livros publicados pelo primeiro prefeito de Campina Verde, Dr. Nicodemus de Macedo, na década de 1940, apresentam valores morais e religiosos da época e a própria representação da Igreja Católica no período.

O recente livro “Campo Belo a Campina Verde”, escrito por Severino Muniz em 2008 também constitui importante fonte para o desenvolvimento deste trabalho. Podemos perceber que os trabalhos dos memorialistas inauguram e reproduzem uma determinada memória sobre a cidade.

Trago como fonte algumas edições do jornal “A voz”, que embora seja um jornal leigo, tinha uma orientação inteiramente pró-católica. O referido jornal teve circulação em Campina Verde entre os anos de 1931-1932.

Também conto com o auxílio da revista Echos da Província, a qual, sendo produzida pela Congregação São Vicente de Paula, sempre trazia uma seção com referências à Campina Verde e sua religiosidade, sendo que em uma de suas edições Campina Verde é citada como uma paróquia lazarista (ou vicentina) por excelência.

O acesso aos livros do Tombo constituiu importante fonte para a pesquisa, pois trouxe importantes informações dos “bastidores”, isto é, aquelas que não constam na memória que se pretende ser oficial. A leitura dos livros paroquiais foi fundamental para perceber que o catolicismo em Campina Verde não tinha uma acomodação tão tranqüila quanto a história sobre a cidade nos informa.

Conto ainda com o material utilizado para fazer o tombamento da Igreja Matriz (2002) e o material usado nas comemorações de 65 anos de sagração da referida Igreja (2006). Esse material tem sua importância na medida em que reedita a memória instituída nos anos de 1940, sem qualquer preocupação em se fazer referências às mudanças ocorridas.

Para estruturar a monografia optei por dividi-la em dois capítulos. O primeiro contará com a historicização da presença do catolicismo em Campina Verde e a construção do discurso de “cidade católica”, atentando sempre para as condições históricas que o possibilitaram e as disputas que se travavam em torno desse.

O segundo capítulo trará uma análise da dinâmica do catolicismo em Campina Verde nos dias atuais. Serão refletidos os limites do discurso disseminado, pois as evidências nos mostram que havia limites.

Tenho como intenção perceber como os indivíduos re-elaboram a memória que chega até eles. Através da análise da movimentação atual tanto da Igreja Católica como das outras Igrejas que foram se instalando na cidade, e com o auxílio das entrevistas realizadas, buscarei evidenciar as fissuras do discurso de “cidade católica”, mas também aquilo que permite que ele seja sustentado até os dias de hoje, sem muitos questionamentos.

CAPÍTULO 1:

“Catolicidade” campinaverdense: possibilidades de construção de um discurso

“Seres e objetos culturais nunca são dados, são postos por práticas sociais e históricas determinadas, por formas da sociabilidade, da relação intersubjetiva, grupal, de classe, da relação com o visível e o invisível, com o tempo e o espaço, com o possível e o impossível, com o necessário e o contingente”⁷.

Para refletir sobre o catolicismo na cidade de Campina Verde busquei me guiar pela citação referida acima, de Marilena Chauí. Atentar para a questão de que “seres e objetos culturais nunca são dados” foi fundamental para o desenvolvimento do objetivo do presente trabalho, que é justamente compreender o catolicismo em Campina Verde não como algo dado, como o “discurso oficial” quer fazer crer, mas sim, como o produto de determinadas circunstâncias históricas.

Esse primeiro capítulo tem como objetivo historicizar a presença do catolicismo em Campina Verde, não deixando de atentar para as relações estabelecidas entre esse e a sociedade brasileira em geral. Busquei atentar para os diálogos estabelecidos entre aquilo que ocorria em Campina Verde e o que estava acontecendo no restante do Brasil em geral.

Problematizo o discurso oficial de “cidade católica”, analisando tanto o que permitiu essa construção como também o que a torna algo que se verifica apenas no nível discursivo, pois as práticas sociais são múltiplas e, portanto, impossíveis de serem contidas em um discurso.

É próprio do discurso religioso, conforme Pierucci e Prandi, a idéia de imutabilidade, de eternidade. Diversas passagens de mensagens religiosas nos levam a pensar a Igreja como uma instituição que se mantém, pois como diz a reza do Glória ao Pai “assim como era no princípio, agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Amém”⁸.

Daqui retira-se a importância da análise histórica, pois nos possibilita não nos deixar envolver por esse discurso de imutabilidade e perceber a movimentação que

⁷ CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1986. p.122.

⁸ PIERUCCI, Antonio Flavio e PRANDI, Reginaldo. *A Realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. Editora Hucitec, São Paulo. 1996. p.9.

ocorre em determinados momentos históricos. É necessário atentar para a questão de que os dispositivos discursivos de um momento constituem também instrumentos importantes na concretização de interesses e que, portanto, estão carregados de intenções.

Ao entrar em contato com a história produzida sobre a cidade de Campina Verde, percebi que existia ali um projeto de construir a cidade como sendo uma “cidade católica”. Muitas são as passagens em que a cidade é apresentada como naturalmente católica e a sua população inerentemente cristã-católica.

Trago alguns trechos escritos em comemoração pela sagração da nova Matriz em 1941 que sugerem uma homogeneidade em relação à religiosidade da população:

“A matriz que ora vai sagrar solenemente (...) é uma obra monumental e constitui certamente um atestado dos sentimentos religiosos do povo de Campina Verde. (...) Sonhou em dar a Campina Verde, um templo digno de sua fé e das suas tradições (...) Iniciou a demolição da velha igreja e em seguida lançou os alicerces deste monumento que bem concretiza o sentimento religioso de Campina Verde”.⁹

As citações foram retiradas do que constitui o primeiro esforço de compilação de dados acerca da história de Campina Verde. A obra “Campina Verde e a Congregação da Missão de São Vicente de Paula” foi escrita em comemoração à sagração de uma nova Matriz para a cidade. Parece haver uma tentativa de justificar a construção de uma nova Matriz e, para tanto, toda a população é homogeneizada.

Muito significativo é saber que quem escreveu essa primeira história foi o primeiro prefeito de Campina Verde, o doutor Nicodemus de Macedo. Aqui se pode pensar sobre a intrínseca relação estabelecida entre o poder político e o poder religioso nesse período, sendo que um representante do poder político é responsável por construir uma memória que elucida a história da cidade a partir da chegada da referida Congregação.

Murilo Marx nos ajuda a pensar a importância adquirida pelas Igrejas nos pequenos povoados que se formavam no interior, pois, segundo ele:

“A institucionalização da vida dessas tantas e dispersas comunidades se dava pela oficialização de sua ermida, de sua capelinha visitada por um cura, pela elevação um dia a matriz, elevação que significava a ascensão de toda uma região inóspita, ou de ocupação mais antiga e em expansão, ao novo status de paróquia e

⁹ MACEDO, Nicodemus de. *Campina Verde e a Congregação da Missão de São Vicente De Paulo* Uberaba: Oficina Jardim, 1941. p. 22.

freguesia. Não era somente o acesso garantido então a desejada e necessária assistência religiosa que se obtinha, mas também o reconhecimento da comunidade de fato e de direito perante a Igreja oficial, perante o próprio Estado. Não era apenas o acesso ao batismo mais próximo, ao casamento mais fácil, ao amparo aos enfermos, aos sacramentos na morte, mas também a garantia do registro oficial, com todas as implicações jurídicas e sociais. Não era somente o acesso ao rito litúrgico que propiciava no quotidiano, nas festas e infaustos, o conforto espiritual, mas também o usufruto da formalidade civil como todo o direito e a segurança que pudesse propiciar”.¹⁰

As dimensões concretas da importância adquirida pelas igrejas em pequenos povoados referidas acima, são ocultadas nas projeções que fazem de Campina Verde uma cidade predestinada ao catolicismo, projeção que podemos ver nas referências feitas na revista “Echos da província”, revista produzida pela Província Brasileira da Congregação da Missão:

Poderíamos chamar Campo Belo (atual Campina Verde) a paróquia lazarista do Brasil. Lazarista em seu nascimento, lazarista em seu vagaroso progresso e lazarista hoje, quando a vila sertaneja avança com rapidez, querendo competir com suas vizinhas cidades. Em suas diversas fases, informou-a o espírito vicentino. E os sertanejos, dóceis e gratos, colocam-se sob a ação benfazeja dos missionários. Simples, simples da simplicidade evangélica, ouvem e guardam a palavra do pastor de suas almas, com respeito e confiança admiráveis (...) todo o povo é católico praticante, graças ao zelo ardente e incansável de nossos padres.¹¹

Podemos perceber que Campina Verde parece ser predestinada ao catolicismo e a sua população inteiramente passiva diante dos ensinamentos católicos. Em outras referências essa predestinação também pode ser inferida. Não sabendo ao certo, mas tendo sido escrita entre 1953 e 1956, temos uma música escrita por um seminarista em homenagem a Campina Verde. Podemos perceber que esta música sinaliza para uma presumida “santidade” da cidade:

Ô “Campina” tão “verde” e distante,
Do Triângulo a mais santa cidade,
Já te acena um futuro brilhante
A luzir em tua sã mocidade.

Essa torre a apontar para o azul
Mostra bem o roteiro a seguir:
- É que sob o Cruzeiro do Sul

¹⁰ MARX, Murilo. *Cidade no Brasil*: Terra de quem? São Paulo: Ed. Edusp. 1991. p.18.

¹¹ *Revista Echos da Província*. Revista da Sociedade São Vicente de Paula. Rio de Janeiro. Ano IV. n. 3. 1930.

Vieste, um dia, cidade surgir!

A fé ardente de um povo cristão
Irradia de luz teu passado!...
Foram os padres da humilde “Missão”
Que te deram tão santo legado.

Eia, avante, ó virente cidade,
Em tua crença e progresso febril,
Com esta brava e feliz mocidade
Serás grande perante o BRASIL!¹²

Nesta música, o passado, o presente e o futuro da cidade, sempre bem-sucedidos, estão intimamente ligados à ação dos padres Vicentinos, que tão bem cultivaram a fé do povo, sendo que Campina Verde é até reconhecida por essa fé. A história da cidade é sempre expressada a partir da sua intrínseca religiosidade.

O próprio hino de Campina Verde também faz alusão a sua inquestionável religiosidade. Como podemos ver na última estrofe, diz-se que a cidade é alimentada pela fé, como se fosse a fé a condutora dos caminhos a serem trilhados pela cidade, os quais, sempre estão apontados para o céu:

Para Forma tua mocidade
Mestres dedicado a ensinar
E a fé alimenta esta cidade
Que a Deus sempre vamos elevar!¹³.

É necessário perceber que se em Campina Verde a presença do catolicismo é marcante, não é por acaso e nem por uma “benção divina”, mas sim por condições materiais e objetivas. São essas condições que permitem que as Igrejas tornem-se instituições importantes, principalmente na vida dos pequenos povoados, pois como mesmo nos disse Macedo:

“Por mais de meio século, a Casa de Campo Belo teve o papel de verdadeiro oásis no deserto. Eram aqui procurados com os padres da Missão todos

¹² Música escrita por um seminarista em homenagem à Campina Verde. Retirada do “Jornal Pontal.” Fevereiro-1997.

¹³ Hino de Campina Verde. Escrito por Samira Nahass Gouveia Franco.

*os recursos espirituais e materiais e a bem da verdade pode-se afirmar que esses recursos nunca falharam”.*¹⁴

A presença dos padres da Congregação Vicentina se fez marcante desde o início da cidade, com obras desempenhadas não somente no campo espiritual, mas também material, educacional, jurídico e medicinal. A ausência de recursos numa região que ainda se apresentava hostil e o início do seu desenvolvimento com a ação dos padres, tornava a Igreja um amparo para as pessoas que não tinham recursos e que, na maioria das vezes, eram socorridas em seus problemas pela Igreja.

A história da cidade é sempre contada a partir da chegada dos padres vicentinos às terras que formavam o lugarejo. As memórias nos informam que no início do século XIX, o sertanista João Batista Siqueira havia formado no pontal do Triângulo Mineiro um latifúndio com cerca de 28.0000 alqueires e já no fim de sua vida e sem herdeiros, Siqueira fez a doação de suas terras para a Congregação da Missão de Vicente de Paula. Nessa doação constavam algumas cláusulas: estabelecimento de uma Igreja e de uma escola para atender às necessidades da região.

O arraial de Campo Belo, como era chamado a atual Campina Verde, fazia parte das terras doadas e é para esse território que padres da referida Congregação, com sede no Caraça¹⁵, mudaram-se a fim de cumprir as cláusulas do contrato de doação. A região deu início a seu povoamento com a construção da primeira Igreja e ganhou destaque na região em virtude da instalação do colégio de primeiras letras.

Kenneth Serbin no seu livro “Padres, celibato e conflito social”, nos traz uma análise sobre a atuação dos padres vicentinos e expõe que esses foram os grandes responsáveis pela introdução do método tridentino no catolicismo brasileiro. Segundo Serbin:

“Os vicentinos construíram e administraram alguns dos maiores seminários do Brasil, onde formaram centenas de padres nos novos moldes disciplinares. Assentaram os alicerces do crescimento institucional e do poder político da Igreja no século XX. Também se empenharam em inspirar nas massas os ideais da responsabilidade e moralidade cristãs. Zelosos missionários, audazes organizadores e competentes

¹⁴ MACEDO, Nicodemus de. *Campina Verde e a Congregação da Missão de São Vicente de Paulo*. Uberaba: Oficina Jardim, 1941. p.11.

¹⁵ Parque natural localizado a 120 quilômetros de Belo Horizonte. Por muito tempo foi um famoso colégio de propriedade da Congregação da Missão dos Padres Lazaristas.

educadores da elite social eclesiástica, os vicentinos retomaram os objetivos jesuítas de inculcar a verdadeira fé no povo e a devoção no clero”.¹⁶

Considerando que a organização Vicentina foi um fator importante para o empreendimento da romanização e que “juntamente com a primeira evangelização da era colonial, a romanização é a causa do caráter histórico do Brasil como nação católica”¹⁷, podemos pensar que a caracterização de Campina Verde como “cidade católica” pode estar associada ao eficiente trabalho dos padres Vicentinos.

Porém, percebemos que a “cidade católica” existe mesmo apenas na história dita oficial, pois as informações dos “bastidores”, como já havia referenciado, nos mostram que longe de uma acomodação tranqüila, tensões se travavam entre a sociedade campina-verdense e a Igreja.

A leitura dos livros do Tombo nos permite perceber que em 1929 já se registravam queixas da Igreja em relação aos seus “fiéis”. Na passagem seguinte podemos perceber a insatisfação manifesta pelos padres: “as ofertas da Associação de São José têm diminuído consideravelmente neste ano. Não sabemos a que atribuir esse esmorecimento de fervor e generosidade”¹⁸.

Em 1929 ainda, tem-se um importante registro em relação à construção da nova Matriz. É importante ressaltar que essa construção da nova Igreja é sugerida na história oficial como sendo uma obra de materialização da religiosidade da população:

“É tempo de se lançar um appello aos sentimentos religiosos do povo catholico e generoso desta parochia para a construção de um novo templo em substituição ao atual. A geração presente deve mostrar-se digna das tradições de fé das que a precederam. É preciso desfazer a impressão produzida por este velho e escalavrado edifício que parece assignalar o declínio da fé e da religião nos habitantes de Campina Verde”.¹⁹

O jornal “A voz” que circulava na cidade entre 1931 e 1932 traz em muitos momentos, referências ao declínio da fé entre a população campina-verdense: “e lastimamos sinceramente o desleixo em que está o nosso templo, signal expressivo da

¹⁶ SERBIN, Kennneth P. Padres, celibato e conflito social. In: *Uma Historia da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras. 2008. p. 79.

¹⁷ Ibid. p. 82.

¹⁸ Anotações retiradas do *Livro do Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa de Campina Verde*. 1929 a 1959.

¹⁹ Idem.

decadência da religião em nosso meio, da indiferença, e quiçá, do materialismo que empolga o mundo”.²⁰

As dificuldades e tensões acerca da construção da nova matriz desaparecem da memória tida como oficial. Nessa, as disputas travadas em torno da responsabilidade por tal construção não são mencionadas, dando a impressão que a população e a Igreja, num esforço comum, levantaram aquilo que seria a prova indiscutível da catolicidade de Campina Verde.

É necessário destacar que se as informações obtidas de fontes “não-oficiais”, como é o caso do jornal citado, nos evidenciam que a acomodação do catolicismo entre a população não se dá de forma tão tranqüila quanta a sugerida pelas “fontes oficiais”, tais fontes continuam a insistir na predestinação de Campina Verde ao catolicismo:

*“Terra feliz, predestinada, onde os Revmos. Padres Lazaristas estão há 120 anos, surgiu Campina Verde em um patrimônio religioso. Seu povo, formado a sombra da igreja, por aqueles dignos e zelosos sacerdotes, teve a ventura de crescer na mais pura fé católica e na mais fervorosa piedade. Em nossa infância, naquele recanto abençoado vivíamos de tal modo imersos nesta profunda vida crista, tão longe do erro que lá não existia, que nem supúnhamos pudesse haver outras crenças. Não conhecemos, em nossa meninice, outros divertimentos afora as funções da Igreja, que desde os mais tenros anos calaram profundamente em Nossa alma”.*²¹

Faz-se necessário atentar para o fato de que o discurso construído de “cidade católica” tem que ser pensado como uma prática social do período e que, portanto, nos revela disputas e interesses que estavam sendo travadas no período de estudo.

Tenho como exemplo de discurso construído com objetivos bem concretos, um texto da revista “Echos da província” de reverenciamento à história de Campina Verde, o qual para justificar o seu interesse, lança mão de determinada fala. A religiosidade do lugar é exaltada, como podemos ver, para mostrar que o pedido é justo:

*“É verdadeiramente edificante a devoção deste povo por s. Vicente. Será possível que não atenda as nossas orações, em que pedimos a esmola de algumas de suas Filhas para a nossa terra? Quanta falta fazem aqui as nossas Irmãs! Quantas vocações poderiam encontrar nesses corações inocentes e virginais do sertão, nestas almas puras e perfumosas como as brisas de nossos campos!”*²².

²⁰ Jornal “A voz”. Ed.1. Fevereiro de 1931.

²¹ CHAVES, Orlando. *João Evangelista Rodrigues Chaves no centenário do seu nascimento*. Brasão da família Chaves. 1957.

²² *Revista Echos da Província*. Revista da Sociedade São Vicente de Paula. Rio de Janeiro. Ano V. n. 2. 1930

A construção de um discurso perpassado pela religiosidade católica não era peculiaridade de Campina Verde, pois podemos perceber que havia um projeto de construção de um Brasil “católico”. É necessário destacar que a construção de um “Brasil católico” não é um projeto religioso ou um projeto político, mas sim um projeto político-religioso, que tinha como finalidade organizar socialmente o país. Formar cidadãos-cristãos e cristãos-cidadãos era interesse do poder político e do poder eclesiástico.

O processo de romanização nos sinaliza que havia uma intensa movimentação da Igreja no sentido de marcar a sua presença no contexto em que estava inserida. Através de diversas medidas busca-se romanizar o catolicismo brasileiro e disseminá-lo entre a população. Para se manter influente, a Igreja lança mão de dispositivos discursivos e de instrumentos de ação social no sentido de aumentar a sua presença na sociedade brasileira.

A ênfase sobre a hierarquia eclesiástica e a suprema autoridade papal, sobre a importância da eucaristia, a busca da organização dos leigos católicos com o acompanhamento do clero, a fundação de obras consideradas de interesse coletivo, como hospitais, asilos e principalmente, escolas, são medidas que exemplificam a tentativa da hierarquia eclesiástica de romanizar o catolicismo brasileiro. Essas medidas tinham o intuito de cristianizar/catolicizar a sociedade brasileira.²³

O período de recorte do presente trabalho é significativo dessa postura da Igreja, pois entre 1930-1958, o catolicismo se rearranjou para deter a perda de um espaço que estava sendo subtraído da sua esfera de influência.

Cabe aqui relembrar que as relações entre o poder político e a Igreja Católica no Brasil foram por muito tempo, durante o período da colônia e do império, de uma intrínseca dependência. O regime de padroado instituído configurava uma situação em que o poder eclesiástico ficava submetido ao poder político, cabendo aos dirigentes políticos decidir sobre assuntos da Igreja. Nessa relação, a Igreja Católica, na posição de religião oficial, tinha sua presença garantida no espaço público da sociedade brasileira.

²³ Muitos são os estudos que analisaram tal política da Igreja. Aqui utilizo principalmente a análise de BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo Brasileiro em época de transição*. São Paulo: Ed. Loyola. 1974; e AZZI, Riolando. *A Crise da cristandade e o projeto liberal*. São Paulo: Ed. Paulinas. 1991.

É necessário perceber que o catolicismo marcou a cultura brasileira de modo especial, sendo que muito dessa cultura foi influenciada pelos preceitos cristão-católicos. Porém, a posição privilegiada da Igreja Católica frente à população brasileira foi extinta com a Proclamação de uma república brasileira laica em 1889.

Nesse momento a Igreja Católica sentiu a necessidade de agir para garantir seu espaço e é dessa forma que a nova política (romanização) da Igreja passa a ser intensificada. Através dessa política objetivava-se o alinhamento da Igreja brasileira aos interesses da Santa Sé.

Já era conhecido no período imperial o desejo de alguns eclesiásticos de aproximar a Igreja do Brasil dos ditames de Roma, pois, com o regime do padroado a influência sobre a Igreja no Brasil provinha de Portugal. A autonomia obtida com o fim do regime do padroado permitiu que fosse implantada a política de romanização da Igreja brasileira.

Em comunhão com o objetivo de romanizar o catolicismo brasileiro, a Igreja tinha uma outra política, a “Restauração Católica”, que consistia na intensificação da influência que o catolicismo exercia sobre a sociedade brasileira.

Dom Sebastião de Leme, arcebispo de Recife e Olinda e posteriormente do Rio de Janeiro, foi figura expressiva da movimentação da Igreja na sociedade brasileira. Através de cartas pastorais, Leme diagnosticava a precária situação da Igreja Católica no Brasil e apontava meios para a superação dessa situação. Segundo Alfredo Moreira da Silva Junior, D. Leme utilizava o referencial de maior nação católica, que seria assim por tradição e vocação, como objetivo para recatolicizar o Brasil.²⁴

A década de 1930, recorte do presente trabalho, representa um momento significativo para o projeto da Igreja de catolicizar o país, pois com a instauração do governo de Getúlio Vargas em 1930, o poder eclesiástico e o poder político se aproximam novamente.

Embora não tendo mais o caráter de oficialidade, as relações entre os dois poderes passaram a ser amistosas e a Igreja volta a ter um espaço garantido na cena pública. Igreja e governo passam a se constituir como colaboradores mútuos na legitimação dos seus respectivos poderes.

²⁴ JUNIOR, Alfredo Moreira da Silva. *Catolicismo, poder e tradição*: um estudo sobre as ações do conservadorismo católico durante o bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho - 1947-1961. Biblioteca UNESP. Disponível em: www.franca.unesp.br. Acesso: 05/04/2009.

No estudo feito por Alcir Lenharo acerca da política nos anos 30, podemos ver como o imaginário cristão foi utilizado na política. Muitas figuras desse imaginário eram intercambiadas para o discurso político com o fim de legitimá-lo. Segundo Alcir Lenharo:

*“é possível perceber uma projeção da pessoa de Getúlio a um plano de divinização, desdobrável em uma trindade de imagens que se interpenetram e se contém em uma só: Getúlio ora corresponde à imagem do Pai, que vela e protege pelos filhos, imagem que recebe seu acabamento principal na figura do grande legislar social; ora identifica-se mais com a imagem do Filho, líder que intervém na estória, predestinadamente, o Messias que veio para mudar seu fluxo e afastar outros intermediários; ora corresponde à figura do Espírito a iluminar os caminhos dos seus subordinados para uma nova ordem, amparada por outras luzes. Até mesmo a grandeza futura da pátria parece assemelhar-se ao tempo da escatologia, em que a bem-aventurança é finalmente alcançada”.*²⁵

Getúlio Vargas utilizou-se largamente do discurso religioso para construir o seu discurso político. Isso já assinalava que o poder político reconhecia a importância da Igreja Católica. Tal reconhecimento pode ser observado quando, em 1931, Vargas instituiu Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil. Cabe lembrar que a constituição ainda vigente de 1891 havia instituído um Estado laico.

A aliança tácita entre o governo de Vargas e a Igreja, que não era isenta de intensas disputas, proporcionou a volta dessa à cena pública, viabilizando o seu projeto de construir no Brasil uma “nação católica”. Pode-se observar que:

*“A inauguração da estátua do Cristo Redentor no alto do Corcovado, em 1931, e, dois anos mais tarde, a realização do II Congresso Eucarístico Nacional são símbolos desse espírito militante com o qual, recorrendo à tradição para solucionar suas longas décadas de crise, no mais puro estilo conservador, o catolicismo atravessara as décadas de 30 e 40, procurando dar corpo ao projeto de recriação de um Brasil católico, uma nação perpassada pelo espírito cristão”*²⁶.

O espírito militante de que nos fala Montes acerca do catolicismo traduz-se em medidas sempre muito concretas de inserção do catolicismo na sociedade brasileira. É importante destacar o papel da educação dentro do projeto de recatolicizar o país, visto que essa era vista pela Igreja como um instrumento forte na disseminação de valores e

²⁵ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986. p.194.

²⁶ MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando (coord). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; v. 4. p. 75.

condutas, que permitiria a reprodução da cultura católica entre a população brasileira, pois:

*“tais escolas tornavam-se estratégias ideológicas da Igreja no seu projeto de restauração no decorrer do período republicano, com objetivo de centralizar e aprofundar o controle católico na sociedade, constituindo, juntamente com outras instituições católicas, como asilos, creches, bem como o trabalho catequético em geral ‘canais privilegiados, através dos quais a Igreja faz passar representações religiosas e éticas’”.*²⁷

Não é por acaso que na década de 1940 foram estabelecidas duas escolas católicas em Campina Verde, mas sim por interesses muito concretos, pois como dito na citação acima “tais escolas tornavam-se estratégias ideológicas da Igreja”.

As instituições educacionais de Campina Verde até a década de 1940 eram leigas e particulares, tendo uma estreita relação e influência da Igreja Católica. Porém, a partir da década de 1940 a instituição católica passou não somente a influenciar, mas a organizar e coordenar seus próprios centros de ensino.

Em 1947 o colégio das freiras, denominado Educandário da Sagrada Família, constituía referência para toda a região do Pontal do Triângulo por sua excelência em educação, destacando-se por seu embasamento religioso, moral e cívico, respeitando sempre as diretrizes católicas e políticas da época.

Em 1948, era fundada uma escola primária e particular pelos padres Felix Obrzut e Jorge da Cunha, contando com o apoio das irmãs vicentinas e da comunidade. O centro de ensino designava-se inicialmente Instituto Nossa Senhora das Graças, possuindo regime de internato masculino.

Podemos perceber que o catolicismo em Campina Verde teve que se movimentar ativamente no sentido da sua manutenção/expansão. Na busca de se construir uma memória da cidade como sendo católica observa-se o apagamento de práticas sociais e históricas, dando a impressão de que a população local se constitui naturalmente católica.

Várias são as obras constituídas pela Igreja no sentido de se propagar na sociedade, como por exemplo: a sagração da nova Matriz, a inauguração de um hospital em 1946, a vinda das irmãs de caridade para o auxílio dos padres junto à população, o

²⁷ ROSSI, Michelle Pereira da Silva; INÁCIO, Geraldo Filho. *As Congregações Católicas e a disseminação de escolas femininas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br. Acesso: 07/07/2009.

incentivo à organização dos leigos em associações religiosas, a abertura de dois colégios, um sob responsabilidade dos padres e o outro sob custódia das freiras, os dois em meados de 1940, tudo isso constituía ações da Igreja que tinham por interesse penetrar entre a população campina-verdense.

Atentar para a movimentação da Igreja no período já contribui para desmontar o discurso de que as pessoas eram naturalmente católicas, pois medidas precisavam ser tomadas para que o catolicismo se mantivesse ali no meio alimentando, (re) significando ou mesmo construindo a fé da população da cidade.

Se pensarmos que o catolicismo se configurava, nesse momento, como um elemento central na cidade, onde a comunidade possibilitada pela Igreja contribuía fundamentalmente na significação que as pessoas davam para as suas vidas já que em torno das “coisas da Igreja” se formavam laços de sociabilidade, de cooperativismo, normas para conduta de vida, podemos pensar o catolicismo em Campina Verde em termos de um poder hegemônico.

Porém, é necessário prestar atenção no processo que possibilita que esse se mantenha como tal, sendo que para tanto precisa redimensionar-se constantemente, já que disputas são travadas diariamente. É preciso atentar para aquilo que Marilena Chauí nos diz a respeito da hegemonia:

*“Hegemonia não é um ‘sistema’: é um complexo de experiências (...) numa palavra, é uma práxis e um processo, pois se altera todas as vezes que as condições históricas se transformam. Alteração indispensável para que a dominação seja mantida (...). Uma hegemonia viva é sempre um processo (...) é um complexo realizado de experiências, relações, atividades com pressões e limites específicos e mutáveis”.*²⁸

É nesse sentido que penso a dinâmica do catolicismo: “um complexo realizado de experiências, relações, atividades com pressões e limites específicos”. Prestar atenção nessas pressões e limites torna-se importante na medida em que a observação da movimentação da Igreja nos dá a dimensão da movimentação da sociedade em geral, já que ambas estão inter-relacionadas.

Se é próprio do discurso religioso firmar-se na intemporalidade, conforme já chamei atenção, deve também constituir-se como próprio para o historiador a tarefa de

²⁸ CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 21-22.

problematização dos discursos que nos são dados a ler. Esses devem ser problematizados, atentando sempre para suas intenções explícitas ou implícitas, pois é através dessa preocupação que estaremos buscando explorar a dinamicidade do processo histórico. Khoury nos chama atenção para a questão de que:

*Se, por um lado, a racionalidade e o uso de categorias e referências abstratas, cristalizadas em nosso pensamento, ainda prevalecem, por outro, vamos criando oportunidades de visualizar e exercitar o diálogo com a complexidade da experiência, ensaiando outras formas de explicação histórica.*²⁹

Cabe sinalizar para o fato de que o próprio discurso é também uma prática que visa à manutenção/reforço do que se busca instalar ou do que já se instalou. O discurso atua como meio de forçar uma coesão que existe apenas a nível abstrato, pois a realidade vivida é muito mais plural que um discurso homogeneizador. Aliás, se há necessidade de um discurso homogeneizador, é justamente porque a realidade vivida (ainda) não é homogênea.

A problematização da idéia de “cidade católica” permite compreender que longe de ser uma idéia a-histórica, como parece ser, é fruto de um momento histórico específico, e que está carregada de intenções e disputas, trazendo à tona relações sociais presentes naquele momento, relações essas que a Igreja disputava ativamente.

²⁹ KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, L. A; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y.M.A (org). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006. p. 30-48.

CAPÍTULO 2

Campina Verde – “Cidade Católica”: Limites de um Discurso

*“A comemoração ou a apologia se esforçam em ocultar os momentos revolucionários no curso da história. O que deseja de coração é fabricar uma continuidade. Por isso, confere importância apenas aqueles elementos da obra que fazem parte de seu influxo posterior. Esquece, no entanto, os pontos em que a tradição se interrompe, como também as rupturas e asperezas que oferecem apoio a quem se propõe ir mais além. É necessário arrancar a época desta “continuidade coisificada” e fazer explodir a homogeneidade, enchendo-a de ruínas, isto é, com o presente”.*³⁰

Para facilitar a leitura do trabalho optei por dividi-lo em dois capítulos, porém cabe assinalar que a divisão é apenas um recurso didático, já que os capítulos fazem parte de um mesmo movimento e estão intimamente ligados.

No primeiro capítulo discuti as possibilidades históricas de construção da “catolicidade” campina-verdense, sendo que no atual capítulo discutirei os limites dessa presumida religiosidade da população. É importante assinalar que no capítulo anterior já havia apontado para esses limites quando fiz referências às queixas registradas por padres no livro do Tombo acerca de um declínio percebido em relação à religiosidade da população.

Sem dúvida alguma a relação passado/presente se faz presente na minha pesquisa. Fundamentalmente, foram as percepções do presente que me levaram a querer olhar o passado e tentar compreender as razões desse discurso ainda vigente e, portanto, o presente capítulo visa discutir a dimensão que o catolicismo tem atualmente na cidade de Campina Verde.

O objetivo é atentar tanto para as fissuras do discurso de “cidade católica”, já que existem outras práticas religiosas e pessoas que não professam nenhum credo religioso, como também para evidências que apontam para um compartilhamento desse mesmo discurso.

Muito me instigava ver que nas festas comemorativas da cidade, sejam promovidas pelos poderes públicos ou religiosos, sempre se exaltava uma religiosidade intrínseca da população.

³⁰ FONTANA, Josep. Em busca de novos caminhos. In: *A história dos homens*. Bauru/SP: EDUSC, 2004. p. 471-490.

À medida que fui entrando em contato com o trabalho de memorialistas me surpreendi ao perceber que as comemorações atuais estavam embasadas ou, muitas vezes, eram apenas reedições dos trabalhos de memórias produzidos em 1940.

A citação de Josep Fontana referida no início do capítulo se faz importante na medida em que sinaliza para a questão da homogeneidade construída nas comemorações, sempre tentando dar uma idéia de continuidade, e mais importante ainda, pela questão de nos chamar a atenção para a necessidade de se encher com o “presente” essa homogeneidade. Com esse segundo capítulo pretendo encher com o “presente” o discurso construído.

Os eventos oficiais em Campina Verde trazem uma continuidade da idéia de “cidade católica”. Nesse sentido, o momento presente parece se configurar tal como quando se dava o início da cidade. A presença da Igreja parece se manter numa ininterrupta continuidade, sem ter sido jamais estremecida.

Trago aqui o parecer para o tombamento da Igreja Matriz da cidade, pois, embora sendo de um período recente (2002), na sua justificativa são apontados elementos que sinalizam para a “catolicidade” da população campina-verdense:

“A Igreja Matriz da Medalha Milagrosa de Campina Verde traz consigo uma importância histórica extremamente grande para o município, pois através de seu alicerce é que se iniciou praticamente sua história. Os padres da Congregação da Missão foram singulares no crescimento da cidade. Talvez se a história de Campina Verde não tivesse tais protagonistas, com certeza não seria a mesma. A estrutura arquitetônica é de igual importância, pois marcou uma época em que a própria comunidade, juntamente com a igreja, quis que a representação material dessa história fosse algo de imponente e de portentoso como a mesma história. A tradução dessa representação material deu-se na belíssima construção arquitetônica alvo deste dossiê”³¹.

Vale lembrar que já foi citado que, ao invés de um esforço em conjunto da comunidade com a Igreja, como referido na fonte acima, temos informações através do jornal “A Voz”, circulante no período entre 1931 e 1932, das disputas travadas acerca da responsabilidade pela construção da Igreja.

O material que acompanha a justificativa para processo de tombamento da Igreja é todo calcado no livro já citado “Campina Verde e a Congregação da Missão de São Vicente de Paula” do Dr. Nicodemus de Macedo, o qual constitui o primeiro

³¹ DOCUMENTO de Tombamento da Igreja Nossa Senhora da Medalha Milagrosa (2002) – Arquivo Público da Secretaria de Cultura.

esforço de compilação de dados acerca da história de Campina Verde. O interessante é notar que no material para o tombamento nenhuma análise atual é feita, e o catolicismo se configura ainda como sendo o elemento central da cidade.

Em uma festividade mais recente, em 2006, quando se comemorou 65 anos de sagração da Igreja Matriz foram realizadas diversas cerimônias de comemoração. Um dos instrumentos para festejar os 65 anos de sagração foi a edição do livro “Igreja Matriz - patrimônio do povo”. Na apresentação desse livro contamos com um importante discurso que sinaliza para a intenção de se manter o discurso de “cidade católica” em Campina Verde:

“Esta edição comemorativa tem como finalidade lembrar os 65 anos da Congregação da Igreja Matriz Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, ocorrida no dia 27 de setembro de 1941, em Campina Verde.

Nossa comunidade católica se sente feliz e honrada em festejar esse importante acontecimento, relembrar as bênçãos e graças que Nossa Senhora Mãe dos Homens, desde 1825, vem derramando sobre essa cidade de Campo Belo, hoje Campina Verde. Também a chegada dos estimados benfeitores, Padres da Congregação da Missão, que agraciados por João Batista Siqueira receberam essas terras para iniciar o ministério de evangelizar os habitantes dessa região.

A educação ministrada pelos Padres Lazaristas, desde então, se estendia a todos os indígenas, aos escravos, e aos demais moradores, com rastros profundos na cultura do povo.

Campina verde se sente feliz em comemorar esse jubileu de ferro de nossa Matriz, junto a história de sua fundação e das marcas deixadas pelos Missionários filhos de São Vicente de Paulo, iniciada pelo padre Jerônimo Gonçalves de Macedo, em 1834, até nossos dias.

As sementes lançadas com fé e esperança, nas terras do Campo Belo, aqui germinaram, floresceram e produzem frutos de amor, justiça e paz”³².

Ao prestar atenção na movimentação da sociedade, comecei a me indagar sobre a presença das outras religiões e sobre o modo como as pessoas pensavam sobre essa presumida catolicidade de Campina Verde.

A cidade conta com um número razoável de religiões, explicitando assim outros anseios. Temos algumas mais bem estabelecidas, que são estáveis e outras que abrem e fecham constantemente. Como exemplo das bem estabelecidas, podemos citar a Casa Espírita, a Congregação Cristã, a Assembléia de Deus e o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, as quais contam com um número regular de fiéis e de atividades desenvolvidas.

³² IGREJA MATRIZ – PATRIMONIO DO POVO. Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Campina Verde. Diocese de Ituiutaba. Apoio: Prefeitura de Campina Verde. 2006.

Existem outras igrejas, especialmente essas designadas como neo-pentecostais que, apesar de não apresentarem solidez, pois abrem e fecham em pouco tempo, é necessário atentar para o fato de que a existência dessas igrejas, apesar da sua efemeridade, sinaliza a busca de uma outra religiosidade, diferente do discurso construído que abarca a população num todo homogêneo sem qualquer distinção.

Para refletir sobre a dimensão atual do campo religioso na cidade de Campina Verde também se torna necessário prestar atenção na própria movimentação da Igreja Católica na cidade, que para se manter na cidade tem-se redimensionado constantemente. Muitas ações visam dinamizar o catolicismo para que assim possa atender aos anseios da população.

Temos instituído desde os anos 90 do século XX, o grupo da Renovação Carismática, que configura uma importante estratégia da Igreja para evitar a perda de fiéis, especialmente, para as Igrejas Evangélicas. O dinamismo introduzido nas celebrações católicas com a Renovação Carismática tem contribuído para a renovação da influência católica.

Recentemente foi iniciada a celebração de uma missa especial às quarta-feiras, a qual tem atraído um grande número de pessoas. A missa chamada de “missa da cura” assemelha-se em alguns aspectos a um culto evangélico, onde as pessoas buscam a cura para as suas enfermidades.

Há pouco tempo foi realizado em Campina Verde, para minha grande surpresa, um encontro destinado aos casais que se casaram pela segunda vez. Muito me surpreendeu essa prática visto que o segundo casamento é um tema extremamente polêmico dentro da Igreja, sendo na maioria das vezes não aceito.

Essas são algumas estratégias da Igreja para se manter influente entre a população. Cabe aqui destacar que essas estratégias não são próprias da Igreja em Campina Verde, mas sim da Igreja Católica no Brasil. A necessidade de se redimensionar está posta para toda a Igreja se quiser manter-se influente, pois a pretensa imutabilidade da Igreja não é compatível com o dinamismo da sociedade, e é daí que, se em alguns momentos a religião parece apresentar-se com o status de imutabilidade, isso só ocorre no nível discursivo.

Para buscar ouvir o que a população de Campina Verde tem a dizer a respeito dessa influência exercida pela Igreja, como a interpretam e como recebem o discurso

construído, utilizei fontes orais como importante instrumento. A opção pela história oral não está assentada na busca de uma outra história, como nos diz Alessandro Portelli:

*“A questão era trabalhar não com uma outra história, que se opunha aquela oficial, mas buscar modos de apreender a dinâmica social em sua complexidade, estudando experiências e memórias compartilhadas, divididas e contraditórias, em convívio e em confronto. Trabalhando mais diretamente com as narrativas individuais, com os enredos construídos na interlocução com os entrevistados, fomos nos deparando com a questão da memória, da história, vista por outro ângulo. Fomos percebendo a idéia de que a história oral nos abria novas possibilidades de trabalhar com memórias de uma maneira diferente. Passamos a investir mais na memória como história e como um campo de disputas”.*³³

Conforme anunciado na introdução, as entrevistas foram fundamentais para a reformulação da minha problemática. Foi através delas que pude perceber a dinâmica que se tem por detrás da idéia de “cidade católica”. Diferente do que eu imaginava, as pessoas não “compravam” tal idéia. Os entrevistados tinham uma memória própria do discurso construído, pois:

*“Essa memória é um produto social porque todos nós falamos um idioma, que é um produto social; nossa experiência é uma experiência social, mas não se pode submeter completamente a memória de nenhum indivíduo sob um marco de memória coletiva”.*³⁴

Com as entrevistas percebi que é apenas no nível da escrita, ou seja, de textos, que a catolicidade da população é cristalizada, pois, em termos da oralidade, essa idéia, apesar de presente é posta em movimento.

A entrevista realizada com o padre Geraldo talvez tenha sido a que mais tenha se pautado pelos elementos do discurso oficial, evidenciando a disputa ainda existente em torno dessa construção. Porém sua narração não deixa de fora elementos que nos sinalizam para a dimensão atual da relação sociedade e religião católica em Campina Verde.

Trago aqui momentos da entrevista que se tornaram importantes para a reflexão sobre a problemática, entendendo que os recortes na entrevista não são arbitrários e não diminuem as dimensões da entrevista. Os trechos citados nos aproximam da experiência do diálogo estabelecido.

³³ PORTELLI, Alessandro. Historia oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. *Historia e Perspectivas*, Uberlândia, (25 e 26): 27-54, jul./dez.2001/jan./jul.2002.p.30.

³⁴ Ibid. p.31.

Ao estabelecer um diálogo com o padre Geraldo sobre a religiosidade de Campina Verde e sobre mudanças observadas ou não, o padre fez algumas reflexões:

*“A cidade é muito, muito católica, é uma cidade privilegiada que teve início com os padres. Temos 170 anos de presença na cidade de Campina Verde quando as terras foram doadas à Congregação da Missão. A formação de Campina Verde foi feita pelos padres da Congregação Vicentina. A cidade deve à Congregação tanto em ensinamento como materialmente, pois os padres sempre deram assistência ao povo, até com a doação de terras para a construção de casas (...) é claro que temos mudanças, antigamente o respeito pelos padres era muito forte, o padre falou tava falado, hoje o padre tem que tomar cuidado com os espinhos nas rosas (...) certa vez o Pe. Freitas disse “o progresso está chegando e vocês vão ver o que vai acontecer”. A modernização do mundo, os meios de comunicação estão disputando espaço com a igreja. As pessoas se deixam influenciar pela televisão. Antigamente o povo era unido ao padre, hoje criticam. As pessoas eram mais firmes, hoje estão amolecidas. (...) apesar de tudo o povo é católico. Aqui é a cidade da diocese que mais tem celebração de missa. Enquanto celebra-se 10 missas aqui, em outras paróquias tem-se apenas 2 missas. Temos uma paróquia fervorosa e dinâmica”.*³⁵

Podemos perceber que a fala do padre é atravessada por elementos da memória oficial construída e que, embora sinalize algumas mudanças, finaliza os seus dizeres com o lugar-comum que identifica Campina Verde como uma “cidade católica”. Isso faz sentido na medida em que a figura do padre é um importante instrumento na busca de tentar dar legitimidade ao discurso construído.

Na entrevista realizada com o seu Belarmino, um antigo fiel do catolicismo, podemos perceber um movimento diferente: embora comece falando sobre a religiosidade da população, termina evidenciando pontos que questionam essa religiosidade:

“A tradição católica na cidade é muito forte, a cultura de Campina Verde é devida à igreja. A cidade é católica, temos muitos católicos, porém praticante não são muitos, a maioria é católica a seu modo. (...) A religião era muito boa antigamente, a religião mobilizava todo mundo. Hoje as pessoas acreditam nas coisas de Deus, mas não pratica. As pessoas vão a missa, mas são dispersas. As pessoas têm que agradecer mais, hoje as pessoas mais pedem do que agradecem. (...) A família não está dando base, os filhos estão sem ensinamento e estímulo, por isso temos a pastoral da família. (...) A vida social, a globalização e o modernismo também afastam as pessoas da fé. Com a modernização ninguém quer saber de igreja, a juventude não quer rezar. As coisas do mundo falam muito forte hoje. Os costumes são esquecidos em favor de outros valores. O alto número de separações é vinda da mudança de valores. A TV, a internet é desvio para a fé. (...) O povo não

³⁵ BARBOSA, Geraldo. Campina Verde. 07 de maio de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

*anda preocupado com a eucaristia, as pessoas só preocupam com o passeio, com o fim de semana”.*³⁶

Apesar de o senhor Belarmino ser um fiel católico, ele não tem o mesmo compromisso que o padre tem em cristalizar determinada memória. Podemos perceber que ele se fixa mais nos elementos que contestam essa memória do que nos que a perpetuam. Como nos diz Portelli:

“Desde que a escrita assumiu suas responsabilidades, a oralidade ficou livre para fluir com o tempo, ao invés de tentar resistir a ele a qualquer custo. Os oradores, livres de responsabilidades em relação á memória social, podem colocar a sua própria subjetividade e experiência no centro do relato.

*(...) a fala oral permanece impregnada de memória; senão até a conversa mais comum seria impossível. Mas não está obcecada por ela”.*³⁷

Para refletir sobre a percepção de uma outra religião acerca da pretensa catolicidade de Campina Verde realizei uma entrevista com uma fiel do espiritismo. A entrevista foi muito significativa do ponto de vista que Portelli nos fala sobre a representatividade de uma narração, visto que ela nos revela as possibilidades existentes. E é dessa possibilidade que inicio o diálogo, perguntando sobre como foi construir um centro espírita numa cidade que tradicionalmente se diz católica:

*“Foi preciso ousadia e coragem para fundar a casa espírita. O início foi extremamente difícil, quem rompe com a tradição sofre preconceitos e são julgados, o início foi de muito sofrimento (...) o catolicismo não respondia mais as minhas dúvidas, fui atrás de um socorro espiritual, fui atrás de respostas. A doutrina espírita é embasada na liberdade, na opção pessoal, diferente do catolicismo que se pauta pela tradição. (...) hoje se tem uma tolerância com a obra espírita, mas não com a religião espírita. A cidade é oficialmente católica, os padres se consideravam donos das terras e das consciências (...) o espiritismo surgiu como uma alternativa abriu caminho para outras igrejas”.*³⁸

A narrativa de uma fiel do espiritismo numa cidade tradicionalmente católica nos revela outros caminhos que poderiam e podem ser trilhados. Apesar das dificuldades em se desafiar a tradição, foi possível, e deixou em aberto outras possibilidades.

³⁶ BATISTA, Belarmino. Campina Verde. 23 de maio de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

³⁷ PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na historia oral. In. Fenelon, Dea Ribeiro e outros. *Muitas memórias. Outras historias*. São Pulo: Olho d'Água. 2004.

³⁸ TEIXEIRA, Giva. Campina Verde. 16 de setembro de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

Também foi realizada uma entrevista com um fiel da Congregação Cristã³⁹, o que permitiu perceber a importância desse campo de possibilidades assinalado por Portelli. Tanto na entrevista realizada com a representante do espiritismo como com o representante da Congregação, houve a reivindicação do “título” de pioneiros na implantação de uma outra religião que não fosse o catolicismo. Tanto o Espiritismo como a Congregação se vêem como os inauguradores dessas outras possibilidades, abrindo espaços na cidade para outras manifestações religiosas.

A reivindicação desse pioneirismo pode ser pensada em termos da importância de se abrir outros caminhos para a expressão de outras religiosidades:

*No plano textual a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder.*⁴⁰

Muito importante são essas possibilidades abertas, pois evidenciam a dinamicidade existente no campo religioso campina-verdense, que longe de ser algo monolítico e estático, está em movimentação. Embora o catolicismo surja como o elemento central da cidade, as pessoas sabem da possibilidade de mudar de religião ou mesmo freqüentar mais de uma religião ao mesmo tempo.

Campina Verde, apesar da sua catolicidade presumida nos discursos, também compartilha de uma característica marcante da religiosidade no país: o sincretismo religioso. A prática de freqüentar mais de uma religião também faz parte do cotidiano de muitos. Por exemplo, pessoas extremamente comprometidas com a Igreja Católica freqüentam reuniões espíritas.

Neste capítulo, como disse inicialmente, viso discutir não só o que desmantela o discurso de cidade católica, mas também tentar compreender o que possibilita a sua sustentação sem maiores questionamentos.

O comportamento dos entrevistados no primeiro encontro se revelou muito importante, assinalando para um determinado modo de apreender o discurso construído,

³⁹ MOURA. MELO Salomão. Campina Verde. 18 de novembro de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

⁴⁰ ALMEIDA, Paulo Roberto de; KOURY, Yara Aun. História oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. *História e Perspectivas*, Uberlândia, (25 e 26): 27-54, jul./dez.2001/jan./jul.2002.p.32.

pois embora a oralidade nos dê a dimensão do dinamismo existente, o modo de se expor diante da entrevista parece nos revelar uma determinada aceitação tácita da idéia de catolicidade.

Muito instigada fiquei ao perceber que, ao estabelecer o primeiro contato com os entrevistados, todos aqueles que falaram como um fiel do catolicismo se portaram diante da entrevista de maneira mais tranqüila, estabelecendo o diálogo no primeiro encontro. Diferentemente dos fiéis das outras igrejas, como por exemplo, o espiritismo e a Congregação Cristã. Os representantes das religiões referidas marcaram a entrevista para um outro momento e mostraram-se menos a vontade para falar, sendo mais cautelosos. O próprio fato de pedirem para marcar a entrevista para um outro dia assinala a necessidade que tiveram de se preparar para o diálogo. Pareceu-me que os fiéis do catolicismo se sentiram mais a vontade, pois estariam falando em nome da tradição, como se fosse uma fala autorizada. Os fiéis das outras religiões pareceram, ao menos no primeiro contato, um tanto desconfiados, como se estivessem indo contra uma “ordem natural das coisas”.

Nas entrevistas realizadas, em muitos momentos surgiu uma expressão que parece explicitar o que ocorre no campo religioso em Campina Verde. Porém trago a fala do fiel da Congregação Cristã por ter considerado muito contundente: “a maioria da população é católica, porém é uma maioria católica por nascimento, são católicos de estatística, são católicos a seu modo, por conveniência”⁴¹.

Algumas considerações feitas por Thompsom acerca da disposição dos trabalhadores ingleses para ingressarem no Metodismo, podem ser refletidas acerca da disposição da população de Campina Verde em ser “católica”. Thompsom nos diz:

“O ingresso na comunidade metodista adquiriu uma conotação de caráter fetichista para muitas pessoas (...) Dentro dessa comunidade existia, um drama característico; os particulares característicos de status e importância, os mexericos e um considerável fundo de ajuda mutua”.⁴²

Essa análise também pode ser pensada em termos da inserção do catolicismo em Campina Verde (MG), pois, como disse anteriormente, a comunidade possibilitada

⁴¹ MOURA Salomão. Campina Verde. 18 de novembro de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

⁴² THOMPSON. E. P. O poder transformador da cruz. In: *A formação da classe operária inglesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1988. v. 2. p. 225-289.

pela Igreja contribuía fundamentalmente na significação que as pessoas davam para suas vidas e, embora talvez com menos intensidade, contribui ainda hoje.

O reconhecimento social, a importância atribuída aos indivíduos que são “de dentro da Igreja” deve ser considerada na possibilidade de se construir o discurso da catolicidade campina-verdense, pois o status adquirido contribui para que a maioria continue sendo católica, embora muitos sejam apenas por nascimento.

A análise feita por Paulo Gracino Souza Júnior acerca da expansão pentecostal e da resistência católica em duas regiões mineiras pode ser feita em termos da percepção do catolicismo em Campina Verde como sendo uma referência central. Ao refletir sobre a pequena penetração das religiões evangélicas na região de Ouro Preto, Gracino Júnior nos diz: “acreditamos, e trabalhos nos mostram isso, que não faça sentido estratégico, principalmente para os agentes envolvidos romperem com sistemas identitários nos quais eles se sintam confortáveis e/ou que lhes promovam ganhos sociais e culturais”.⁴³

Nesse sentido podemos pensar que os ganhos sociais e culturais obtidos através do catolicismo em Campina Verde constituem fatores que permitem que o discurso de “cidade católica” seja sustentado até os dias de hoje, embora evidências apontem outras direções.

⁴³ Souza Junior, Paulo Gracino. *Mineiridade e adesão religiosa: uma análise da expansão pentecostal e da resistência católica em duas regiões mineiras*. Disponível em: www.revistas.ufg.br. Acesso: 07/05/2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Como disse na introdução, foi extremamente gratificante essa primeira experiência com a pesquisa em história, pois, apesar das imensas dificuldades e da imaturidade para pesquisar, acredito ter concluído o trabalho de forma satisfatória, sendo que a pesquisa me possibilitou um novo olhar acerca da temática escolhida para reflexão. Mesmo tendo um resultado diferente daquele que esperava quando iniciei a pesquisa, isso reverte-se em um ganho, tanto pelo esclarecimento quanto pela aprendizagem.

A monografia constitui um momento importante de avaliação da graduação, pois ela permite colocarmos em prática aquilo que aprendemos durante os cinco anos do curso. Ainda nos possibilita o contato com o que constitui o trabalho de um historiador, isto é, com a monografia temos a oportunidade de vivenciar a experiência do que constituirá o nosso trabalho cotidiano: leitura, pesquisa, escrita, investigação, novas descobertas, avanços e recuos na análise.

Propor analisar o catolicismo em Campina Verde como produto de determinadas circunstâncias históricas e atentar para as dimensões concretas da importância adquirida pela Igreja na referida cidade foi um passo extremamente significativo para a pesquisa. É importante destacar a importância da realização das entrevistas, pois foi a partir dos primeiros contatos estabelecidos que comecei a perceber que havia um diálogo entre o campo religioso na cidade e o campo religioso de maneira mais geral, já que com as entrevistas foi possível perceber que a “cidade católica” existia mesmo só a nível discursivo.

Com a historicização da presença do catolicismo em Campina Verde, especialmente durante o período de análise, pude perceber que a cidade estava inserida em um contexto maior e não deslocada do que ocorria em grande parte do país. Tanto a possibilidade de construção do discurso como os seus limites pode ser observada quando analisamos a inserção do catolicismo no contexto brasileiro.

No período analisado, 1930 a 1958, constatei a existência não só de um projeto de criação de uma “cidade católica”, mas também do projeto de se criar o “Brasil católico”. Projetos esses que não estavam isentos de disputas e tensões.

Ao analisar o período mais recente sobre as relações entre o catolicismo e a sociedade campina verdense foi possível perceber que existe um diálogo entre questões que estão postas para o campo religioso na sociedade brasileira e para o campo religioso em Campina Verde. Podemos perceber que a movimentação que ocorre num, também ocorre no outro, guardadas as devidas proporções, pois é lógico que em Campina Verde essa movimentação é mais lenta e talvez menos intensa. Porém é necessário destacar que as disputas travadas na sociedade de maneira geral, também ocorrem na cidade.

A necessidade de se redimensionar para manter sua esfera de influência não é uma necessidade apenas do catolicismo frente ao país, mas uma necessidade desse frente à população da cidade, pois são travadas cotidianamente disputas com outras práticas religiosas e não religiosas também.

Não há uma predestinação da cidade ao catolicismo como é sugerido na memória que se propõe oficial, mas sim uma grande movimentação da Igreja no sentido de se manter como uma referência central para a população.

Considerando que o catolicismo constitui-se como um importante elemento na cidade, não podemos deixar de observar a existência de outros elementos, pois as práticas sociais são múltiplas e, portanto impossíveis de serem reduzidas a um único centro.

O objetivo do presente trabalho é justamente evidenciar que “as práticas sociais são múltiplas e, portanto impossíveis de serem reduzidas a um único centro”. Longe de ter esgotado o tema, mas apenas tendo iniciado a discussão, gostaria que muitos outros trabalhos viessem estabelecer um diálogo com esta pesquisa, o que possibilitaria uma reflexão variada sobre as relações entre Campina Verde e o catolicismo.

Muitas questões ficaram em aberto, sendo passíveis de uma investigação mais profunda. Minha preocupação nesse trabalho era perceber em que medida a cidade não estava descolada do que ocorria num nível mais geral e, por isso me ative mais às semelhanças entre a movimentação que ocorria na sociedade brasileira e a movimentação que ocorria na cidade.

Porém outras questões merecem ser investigadas, como por exemplo, as particularidades da relação entre a sociedade campina-verdense e o catolicismo, pois é lógico que elas existiam, pois como foi dito por padre Geraldo na entrevista: “aqui é a

cidade da diocese que mais tem celebração de missa. Enquanto celebra-se dez missas aqui, em outras paróquias tem-se apenas duas missas”.

Pesquisar as singularidades da inserção do catolicismo em Campina Verde pode constituir uma outra vertente de reflexão que estabeleceria um rico diálogo com a presente pesquisa.

Alguns pontos citados podem se transformar em questões a serem investigadas, como por exemplo, o impacto das escolas, do hospital e de outras obras criadas pela Igreja sobre a organização social na cidade.

Enfim, sendo o primeiro trabalho de reflexão historiográfica sobre a temática em estudo, espero ter aberto a possibilidade para a vinda de outros.

FONTES

BORGES, Benedito Antonio Miranda Tiradentes. *Campina Verde: História e genealogia*. Araguari: Editora Minas, 1994.

CHAVES, Orlando. *João Evangelista Rodrigues Chaves no centenário do seu nascimento*. Brasão da família Chaves. 1957.

Documento de Tombamento da Igreja Matriz Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Arquivo da Secretaria de Cultura, 2002.

Hino de Campina Verde. Escrito por Samira Nahass Gouveia Franco.

IGREJA MATRIZ – PATRIMÔNIO DO POVO. Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Campina Verde. Diocese de Ituiutaba. Apoio: Prefeitura de Campina Verde. 2006.

Jornal “A Voz” (1931/1932). N. 1, 25/02/1931; n. 2, 16/03/1931; n. 6, 15/05/1931; n. 17, 15/11/1931; n. 23, 15/02/1932.

Livro do Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa de Campina Verde. 1929 a 1959.

MACEDO, Nicodemus de. *Campina Verde e a Congregação da Missão de São Vicente de Paula*. Uberaba: Oficinas Jardim, 1941. Livro escrito em comemoração à sagração da Igreja Matriz Nossa Senhora da Medalha Milagrosa em 1941.

MUNIZ, Severino. *Campo Belo a Campina Verde*. Uberlândia: Ed. Vitoria Ltda, 2008.

Música escrita por um seminarista em homenagem à Campina Verde. Retirada do “Jornal Pontal.” Fevereiro de 1997.

Revista Echos da Província: Revista da Sociedade São Vicente de Paula. Rio de Janeiro, 1930-1931. Ano IV - n. 3; ano V - n. 2; ano V - n. 4; ano VI - n. 1; ano VII - n. 3; ano VII - n. 2.

ENTREVISTAS REALIZADAS:

BARBOSA, Geraldo. Campina Verde. 07 de maio de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

BATISTA, Belarmino. Campina Verde. 23 de maio de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

FREITAS, Cirene. Campina Verde. 30 de novembro de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

MACEDO, Anita. Campina Verde. 04 de abril de 2008. . Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

MOURA, Salomão. Campina Verde. 18 de novembro de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

TEIXEIRA, Giva. Campina Verde. 16 de setembro de 2008. Entrevista concedida a Meiriluce Assunção Silva.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Paulo Roberto de; KOURY Yara Aun. Historia oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia (25 e 26): 27-54, Jan./Jul.2002.

AZZI, Riolando. *A crise da cristandade e o projeto liberal*. Ed: Paulinas. São Paulo. 1991.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras- um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de janeiro: Graal. 1988. p. 27-59.

BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. Ed: Loyola. São Paulo. 1974.

CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil* - São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Sávio Silva. *Catolicismo no cotidiano: discurso e realidade*. 1999. 59f. Bacharelado em Historia. Monografia: Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia 1999.

FENELON, Dea Ribeiro e outros. Introdução. Muitas memórias, outras historias. In: *Muitas memórias, outras historias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004. p.5-13

FONTANA, Josep. Em busca de novos caminhos. In: *A história dos homens*. Bauru/SP: EDUSC, 2004. p. 471-490.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

JACOB, César Romero e outros. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC: Edições Loyola, 2002.

JUNIOR, Alfredo Moreira da Silva. *Catolicismo, poder e tradição: um estudo sobre as ações do conservadorismo católico durante o bispado de D.Geraldo Sigaud em Jacarezinho-1947-1961*. Biblioteca UNESP. Disponível em: www.franca.unesp.br. Acesso em 05/04/2009.

KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: Maciel, L.A.; Almeida, P.R.; Khoury, Y.M.A(org). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006. v.1. p. 23-43.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.

MARX, Murilo. *Cidade no Brasil: Terra de quem?* São Paulo: Ed. Edusp. 1991. p. 18.

MELO Carlos Wellington Martins de. *A nação é católica: educação e cidadania nas primeiras décadas republicanas (1890-1930)*. Disponível em: www.franca.unesp.br. Acesso em: 02/03/2009.

MEDEIROS, Divino Dantas de. *As bênçãos de Romaria-cultura e religiosidade popular no interior de Minas Gerais (1920-1940)*. 1998. 47f. Bacharelado em História. Monografia: Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 1998.

MICHELOTO, Antonio Ricardo. As filhas da desatadora: pós-modernidade, tradições, participação da mulher e imagens femininas em um culto católico. In: *Caderno Espaço Feminino*, v.15, n. 18. Jan./Jun.2006. p. 107-125.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando (coord). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; v.4. p. 64-169.

MOURA, Odilao. *Idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX*. Ed: Convívio. São Paulo. 1978.

PIERUCCI, Antonio Flavio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: HUCITEC. 1996.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo: Revista do departamento de história da UFF*, v. 1, n. 2. 1996.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Dea Ribeiro e outros. *Muitas memórias. Outras histórias*. São Paulo: olho d'Água. 2004.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. 2ed. São Paulo: Edições Paulinas. 1984.

ROSSI, Michelle Pereira da Silva; INACIO, Geraldo Filho. *As Congregações Católicas e a disseminação de escolas femininas no Triângulo mineiro e Alto Paranaíba*. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br. Acesso em 07/07/2009.

SAMPAIO, Carlos Leonardo Teixeira. *A Igreja católica e a transformação do espaço e do viver urbano de Pouso Alegre - MG (1936-45)*. Mestrado em História. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC, São Paulo. 2009. 142f.

SERBIN, Kennneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma História da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.

SOUZA Junior, Paulo Gracino. *Mineiridade e adesão religiosa: uma análise da expansão pentecostal e da resistência católica em duas regiões mineiras*. Disponível em: www.revistas.ufg.br. Acesso: 07/05/2009.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

_____. O poder transformador da cruz. In: *A formação da classe operária inglesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. v. 2. p. 225-289.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. *A pesquisa em história*. São Paulo. 3 ed. 1995.